

# RECEPÇÃO

## — CRÍTICA AOS TRABALHOS RECEBIDOS

por ALICE VASSALO PEREIRA

M.<sup>a</sup> EDUARDA M. R. DA PALMA — (Coimbra) — Ah, minha amiga, a grande dificuldade de ser simples! Pois é. A tua *História Banal* é uma história realmente muito banal, contada de modo demasiado frio, demasiado distante. O essencial o que realmente conta — a verdade das pessoas e das suas reacções — escapa-te qu'as e sempre. Por que não tentas *aproximar-te* delas, ver o que há para lá das coisas? Apesar de tudo, vamos publicar o teu conto; trabalha mais e dá notícias.

M.<sup>a</sup> CELESTE DINIS DIAS — (Lisboa) — Os teus poemas têm qualquer coisa. Qualquer coisa que me faz não os pôr de lado e até escolher um deles para publicação. Não há neles fantasias inúteis nem jogos rebuscados de palavras, embora na maior parte das vezes o final os enfraqueça muito. Não tentes *explicar* o que anteriormente escreveste — deixa que cada um o sinte e o explique a seu modo. É nessa sensação de quase mistério que reside a poesia. E esquece aquilo a que se costuma chamar «chave de ouro», aquelas frases tão bonitas e penteadinhas, que serviam para nós terminarmos as redacções da 4.<sup>a</sup> classe, sermos aprovados com distinção (no tempo em que isso ainda existia...) e ganharmos um lindo relógio de pulso, oferta de nossos embevecidos progenitores. Mas acredita que não servem para mais nada. Gostava muito de ler mais coisas tuas. Quando tiveres tempo agarra num papel, «prends ta plus belle plume» (como dizia uma professora de francês que eu tive...) e dá notícias.

MARIA C. V. F. — (Viseu) — Bom, antes de mais, vamos pôr de lado o «Vossa Senhoria», está bem? E agora vamos reflectir um pouco sobre a tua «REFLEXÃO». Eu bem procuro uma saída, uma chamazinha, qualquer coisa que me fizesse dizer-te que isto era muito bom, com muitas qualidade literárias, etc., etc. Mas só encontro expressões como «*prata infinitamente linda*», «*murmúrio tímido do mar*», «*esgar de dor*», «*atmosfera irreal*», «*visão de melancolia*», e não consigo dizer-te nada do que tu, certamente, querias ouvir. Por que há-de ser tudo melancolia e atmosferas baças e cores mortas? Por que não olhas á tua volta e te deixas de «reflexões» estilo «vai alta a lua / na mansão da morte...», etc.? Vamos ser um

bocadinho mais optimistas, valeu?

J. PINHO FONSECA (Vale de Cambra) — Agora sim, agora estamos a falar a mesma língua! Pelo conto (e que bem construído ele está!) que enviaste tenho agora a certeza de que na realidade não acreditaste naquilo que anteriormente mandaste para o «Juvenil». A gente ás vezes bem se esforça por acreditar, o pior é que... O pior é que. O teu conto entusiasmou-me a valer, acredita. Espero mais trabalhos teus.

L. M. LUZ (Funchal) — Tu poderás explicar-me o que aconteceu com o teu conto «From Madeira with Many Toy»? É que eu comecei a lê-lo, comecei a entusiasmar-me, comecei logo a magiar frases bonitas para pôr na «Recepção», comecei a pensar que desta vez ia haver mais uma revelação a sério — e de repente vai tudo por água abaixo. Direi, para ser mais exacta, que foram as últimas quinze linhas que estragaram tudo, a partir do momento em que dizes «por isso o seu epitáfio nos fala de Maria Brinquedo, a Louca.» A partir daí quebraste — e de um modo infeliz — o insólito, o quase-absurdo do teu conto. Lê-o outra vez, ás vezes que forem necessárias, e depois diz-me se não tenho razão.

LUIS MANUEL — (Aveiro) — Há uma coisa neste mundo que sou absolutamente incapaz de fazer: criticar quando não entendo. Por isso peço-te encarecidamente o favor de me explicares o significado de:

- «cravo belo (...) desenhando poemas épicos da sua terra»
- «esfaimada e solta numa arena / Oh! encantado diadema da minha pobre mãe»

Ainda há mais umas coisas mas se me explicares estas já te fico imensamente grata.

MARIA TERESA — (Lisboa) — Bom, antes de começarmos a falar dos teus poemas, vamos ter uma breve conversa acerca desta história da crítica construtiva e da crítica destrutiva. «Agradeceia que fizesse a crítica, ainda que seja destrutiva», escreve tu no final da carta. Ora eu não tenho prazer nenhum em destruir, nem estou aqui para isso. (Nesse caso, o mais indicado seria chamar um mestre de obras que eu conheço, cujo maior prazer é «escangalhar, pa-

trão!» nem que tenha pela frente paredes com azulejos do século 18...) Crítica construtiva é a que constrói — mostrando, para isso, o que há de bom e o que há de mau, para que a «construção» saia, tanto quanto possível, perfeita. Para te dar uma opinião sincera dos teus poemas, tenho de te apontar os defeitos, tenho de te dizer onde erraste, sem que isso se possa chamar crítica destrutiva. Creio que me fiz entender. E agora vamos, então, aos teus poemas: têm defeitos, têm qualidades. Têm expressões muito bem conseguidas, como, por exemplo:

«eu fixava aprendia em cada rosto um novo modo de querer.»  
ou ainda:

«o comboio já entrou numa cidade em que o sonho é secundário  
(...) agora é apear-se e ficar.»

Mas há, depois, toda esta série de Poemas - I - II - III que são nitidamente mais fracos, cheios de lugares-comuns confrangedoramente banais, ou de uma literatice que não convenço a ninguém. A propósito: já ouviste alguém dizer, na linguagem corrente, «*emolurá-lo-ei*» ou «*fixá-lo-ei*»? não afastes a tua poesia da linguagem e dos factos quotidianos — e dá mais notícias. (Afinal, qual foi o grau de destruição?..)

BERNARDO A. — (Porto) — Antes de mais, quero agradecer-te os momentos de franca hilaridade que a tua carta me proporcionou. É claro que se tu não tivesses catorze anos, eu talvez já não me risse tanto. Talvez até nem achasse graça nenhuma. Mas eu encontro-me presentemente num estado de espírito em que acho muita piada às gracinhas das crianças... «*Nunca considere o que para aí mandam e publicam, no campo poético, verdadeira poesia; os textos e contos são fracos ou péssimos.*» Gracinha n.º 1. A família aplaude, embevecida, os amigos dizem todos que sim senhor, que o menino é um prodígio e o menino declama então a sua gracinha n.º 2: «*Junto vou mandar-lhe umas sátiras que fiz para avaliar (...) que sempre sou um bocadinho melhor do que os outros indivíduos que para aí mandam poesia que não é poesia (...) e outras coisas em que não quero pensar para não me perturbarem a digestão, mas que no entanto publicas.*»... E como não há duas sem três, aí

vai a terceira gracinha: «*Fui considerado prodígio porque além de aprender a ler sozinho com cinco anos e também a fazer contos, desenhava bem demais para a minha idade e (...) costumava sem estudar reventar as escalas.*»

Para o quadro estar completo só falta dizer quantas línguas falavas à nascença e se tocavas a valsa «Mãe» quando havia visitas ao jantar.

Bom, mas tudo isto poderia estar muito certo (eu não tenho nada contra os meninos prodígios; duram pouco mas isso é lá com eles!) se, como diria o mui venerado Senhor de La Palisse, isso fosse verdade. Aos génios tudo se perdoa, não é? O pior é que essas tais promessas de poesias espantosas, daquelas melhores do que todas que se inventaram até hoje, redundam nisto:

«Quer ver calhaus fazer vento,  
Quer ver um anjo a mentir?  
Então vá ao Entroncamento!»

E só não transcrevo mais porque estaria aqui a ocupar espaço com coisas a que já dei mais atenção do que elas mereciam.

Agradeço muito a tua intenção de melhorares o nível do «Juvenil» mas, apesar de tudo o que dizes, prefiro que ele continue como está. Espero que esta minha resposta não te tenha perturbado a digestão...

MICAELA (Coimbra) — Não, o teu poema não é tão infantil como pensas, tem uma certa influência da poesia brasileira, mas vamos publicá-lo. Gostava muito de ler mais coisas tuas, pode ser? Um poema só é tão pouco — sobretudo quando nos desperta o apetite para mais, como acontece contigo. Vá, não sejas preguiçosa e manda o que tens guardado nas gavetas. Espero notícias. (É verdade, não conhecerás aí por Coimbra a Isabel Vila Nova?).

P. K. — O teu conto demonstra certas qualidades, tens facilidade em escrever, mas no entanto isso ainda não é o bastante. Porque, sabes, este teu conto «Um Vegetal» deu-me ideia de ser um conto em estilo de vingança pessoal. E isso estraga tudo. Não desprezes nada do que a tua experiência te der, mas não faças dos teus trabalhos panfletos de ataque ou defesa pessoais. Mas apesar de tudo fiquei com muita curiosidade em ler

mais contos teus. Tenho a impressão que poderás esquecer coisas muito melhores. E eu, nestes casos, não me costumo enganar muito.

JOSÉ LEAL FERREIRA (Vila Nova de Gaia) — Eu devia pedir-te desculpa do atraso, arranjar justificações para a demora da resposta (era civilizado, não era?) mas, tal como tu, já me deixei dessas histórias de pessoa - muito - bem-educadinho. Além do mais, tu já és da casa e sabes perfeitamente como as coisas se passam. De todos os poemas que mandaste (que bom, Zé, ter uma mão-cheia de poemas verdadeiros, de poemas que nasceram de um corpo e não de um lápis!) «A Calçada» e «Cinco momentos da vila» parecem-me os melhores. Entretanto espero mais colaboração tua. E muito obrigada pela carta.

EMANUEL CARLOS (Lisboa) — O teu trabalho em linóleo vai ser publicado e tenho a impressão de que será esse o melhor caminho que tens a seguir. Os poemas são ainda bastante fracos. Digo ainda porque me parece que talvez venhas a melhorar se te afastares dos temas que já deram tudo o que tinham a dar como as rosas vermelhas, o nascer do sol e os corações desprezados. Eu acredito plenamente que lhes deste um pouco de ti, como dizes na tua carta. Mas nestes casos, sabes, a poesia é muito exigente. Ou tudo ou nada. Lembra-te do modo como Rilke definia um poeta seu amigo? «É um poeta: odeia o pouco-mais-ou-menos.» Nunca te esqueças disto. E volta a dar notícias, se quiseres.

MARIA ISABEL SOUSA RIBEIRO (Porto) — Vamos lá então à «verdade nua e crua» dos teus poemas, como pedes... Os teus poemas são bons quando não pretendem armar ao literário (zinho), ao artificial ou então ao folclórico (como, por exemplo, aquele do S. João). Quando te limitas às palavras de todos os dias, quando não te aproveitas de efeitos fáceis (que nunca resultam) mas não esqueces nada do que já, de qualquer modo, passas por ti — então a poesia aparece, como é o caso do poema «Ponte para o infinito» (só não gostei do «infinito» do título...) e o que começa por «A sede do gás...», que vamos publicar. Aguardo mais colaboração tua.

OS TRABALHOS DESTINADOS À CRÍTICA NA «RECEPÇÃO»

DEVEM SER-NOS REMETIDOS ATÉ SÁBADO DE CADA SEMANA

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO

PÁGINA 3

24-SETEMBRO-1968

